

XIII Reunião de Antropologia do Mercosul  
22 a 25 de Julho de 2019, Porto Alegre (RS)

Grupo de Trabalho: Migrações, mobilidades e deslocamentos – Título: Os sentidos do "refazer a vida": uma análise a partir das narrativas de mulheres migrantes em Tijuana – Autores: Tuíla Botega Cruz de Oliviera (CSEM); Delia Maria Dutra da Silveira Margalef (UDELAR, Uruguay); Nathalia Vince Esgalha Fernandes (UnB) e Igor Borges Cunha (CSEM/UnB);

## **Os sentidos do "refazer a vida": uma análise a partir das narrativas de mulheres migrantes em Tijuana**

### **Introdução**

Este trabalho busca refletir sobre o sentido de “refazer a vida” a partir da ótica de mulheres migrantes atendidas no Instituto Madre Assunta (IMA), uma casa de acolhida das Irmãs Scalabrinianas (MSCS) localizada em Tijuana, fronteira Norte do México com os Estados Unidos.

Tijuana, dada a sua localização geográfica, tem sido por muitos anos um polo de atração para as pessoas de todo o México e outros países da América Central e do Sul em busca de uma vida melhor, nos Estados Unidos. Tendo em vista o grande número de pessoas envolvidas neste fluxo, os impactos em termos sociais e econômicos, tanto no México como nos EUA, é um fenômeno massivo que afeta todos os indicadores sociais, econômicos e políticos (DURAND, 2000). Para além da dimensão quantitativa, esse fluxo também merece atenção devido as condições degradantes e as vulnerabilidades em que os deslocamentos se dão, especialmente num contexto de políticas migratórias cada vez mais restritivas e diante de novos fluxos de países da América Central, como Guatemala, Honduras e El Salvador em direção aos EUA.

Nesse sentido, Tijuana se torna um lugar de espera (MUSSET, 2015) para aqueles que querem ir para os Estados Unidos e assume um caráter ambivalente ao consistir em lugar de exclusão e de abrigo para os deportados, tendo em vista que essa categoria social está, por um lado, vinculada a problemas de segurança pública, como o crime e o vício em drogas, e, por outro, evoca discursos de solidariedade e compaixão, sendo que as organizações religiosas e da sociedade civil são as maiores responsáveis por fornecer apoio na forma de abrigo, alimentação, vestuário e cuidados de saúde dos deportados (ALBICKER E VELASCO, 2016).

Historicamente, o fluxo migratório para os Estados Unidos é majoritariamente laboral e masculino, entretanto, a partir do incremento na participação de mulheres se torna necessário um olhar específico para compreender as condições em que se dão os deslocamentos. As mulheres, por sua condição de gênero, por serem migrantes e por terem o status migratório

irregular estão mais vulneráveis que os homens e sofrerem diferentes formas de violência e violações de seus direitos (DUTRA, 2013).

Nesse contexto, o Instituto Madre Assunta (IMA) se torna um lugar de apoio para as mulheres deportadas e para aquelas que estão fugindo, seja da violência e do crime organizado (gangues) presentes em seus países de origem, como as centro-americanas; seja, em alguns casos específicos, por situações de violência doméstica ou para salvar seus filhos e maridos ameaçados; ou ainda, como algumas mexicanas provenientes principalmente dos estados de Guerrero, Chiapas, Oaxaca e Michoacán que ali estão, para pedir asilo político, nesses casos, fugindo do narcotráfico. Todas, independentemente da nacionalidade e do projeto migratório, buscam segurança, oportunidades de emprego e uma vida mais digna para si e/ou suas famílias.

As reflexões aqui apresentadas têm como base os resultados da pesquisa *Reconstruyendo la vida en la frontera: asistencia y atención a migrantes en la Frontera Norte de México*, que integra um programa de pesquisa mais amplo do Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios, que buscou analisar as formas com que migrantes e refugiados vivem e enfrentam situações adversas, de riscos e incertezas, em três regiões de fronteiras: Angola e República Democrática do Congo, Moçambique e África do Sul e México e Estados Unidos, bem como as ações sociopastorais desenvolvidas pelas irmãs Scalabrinianas nessas regiões em resposta aos desafios migratórios.

A base conceitual que fundamenta cientificamente esse programa de pesquisa está centrada no protagonismo dos migrantes e refugiados (CSEM, 2018), que implica uma compreensão das pessoas em mobilidade como sujeitos de direitos, resilientes e autônomas para tomar as decisões sobre si e suas famílias e para exercer sua *agency*, com capacidade de incidir e transformar as situações desafiadoras que se apresentam e seus significados.

Dito isso, a reflexão proposta considera as mulheres migrantes e como seus projetos transitam entre o empoderamento e o medo, entre processos de sujeição e subjetivação ao exercerem seu “direito de fuga” (MEZZADRA, 2005). Isso significa “considerar as tensões e os conflitos entre a pressão de uma multiplicidade de forças estruturais e o momento da *agency*, da capacidade

subjetiva de ação, dentro da migração” (MEZZADRA, 2015, p. 13). Esse olhar é particularmente interessante na medida em que considera tanto as forças estruturais quanto os movimentos dos migrantes e as experiências migratórias enquanto espaços estratégicos para a produção de subjetividade, o que implica, em última instância, “uma atenção especial para a forma em que os dispositivos de sujeição e os processos de subjetivação (coação e liberdade) entram em jogo na constituição do campo da experiência da migração” (MEZZADRA, 2015, p. 13).

Dito isso, neste artigo buscamos refletir sobre os processos de tomada de decisão de mulheres migrantes que passaram pelo Instituto Madre Assunta, buscando aprofundar sobre como elas exercem sua *agency* nesse contexto de vulnerabilidade e assistência. Para tanto, iniciaremos apresentando os caminhos metódicos da pesquisa, com especial atenção à etnografia desenvolvida no IMA. Em seguida, aprofundaremos o sentido do “refazer a vida” a partir das narrativas das mulheres migrantes sobre as decisões acerca de seus projetos migratórios quando da passagem pelo IMA e a análise disso à luz dos conceitos de sujeição e subjetivação e *agency*. O texto encerra com nossas considerações finais.

### **Caminhos da pesquisa**

O desenvolvimento metódico da pesquisa se deu a partir de uma fase exploratória e outra de aprofundamento. Na primeira, realizada no período de 15 de agosto a 05 de setembro de 2017, foram entrevistadas Irmãs Scalabrinianas que haviam realizado algum tipo de trabalho no Instituto Madre Assunta. Nessa etapa buscamos levantar informações sobre o histórico de atuação em Tijuana, as motivações e o desenvolvimento do trabalho ao longo do tempo; e, especialmente, identificar elementos importantes para o mapeamento de bibliografia e a preparação para a fase posterior. Isso envolveu um trabalho de sistematização das narrativas para uma análise temática, que consistiu em identificar os ‘núcleos de sentido’, ou seja, os elementos que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição pode significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido (BARDIN, 1997). Tais núcleos de sentido guiaram o processo da construção

das categoriais analíticas, num movimento constante e interativo entre as leituras bibliográficas e os dados empíricos recolhidos.

Após o trabalho de sistematização a partir das entrevistas realizadas nessa instância exploratória foram definidos três núcleos de sentido. O primeiro diz respeito ao atendimento realizado no IMA junto às migrantes, normalmente referido como uma contribuição ao “*refazer a vida*” das mulheres que passam pela casa, sendo este o núcleo de sentido que iremos aprofundar neste trabalho. Sua compreensão envolve duas perspectivas: a *das migrantes* – seu projeto migratório, a trajetória percorrida e passagem pelo IMA, sendo esta compreendida como um momento em que se deparavam com a necessidade de decidir sobre os próximos passos em suas trajetórias; e a *das irmãs* – seu trabalho de acolhida, a espiritualidade Scalabriniana e o atendimento integral que buscam oferecer, elementos que incidem de alguma forma nesse processo do “refazer a vida”.

O segundo núcleo de sentido diz respeito ao conjunto de atores que fornecem serviços que facilitam, restringem ou prestam assistência na migração internacional, o que chamamos de indústria da migração, e sua relevância para a compressão das dinâmicas e dos fluxos migratórios em uma região de fronteira, como é Tijuana. De acordo com Sørensen (2017), este conceito, compreendido como a infraestrutura social que conecta a origem e o destino em um determinado circuito migratório, incluindo as atividades legais/ilegais e formais/informais e sua interação e articulação com os atores do lado da demanda no processo social de migração internacional, é consequência de um elemento estrutural, que são as políticas migratórias restritivas. Em suma, partimos de uma compreensão mais abrangente sobre o que seria essa indústria migratória, incluindo aqueles que de fato “lucram” com o grande negócio que se tornou a migração – pequenos empresários, facilitadores, redes criminosas, etc. – mas também os outros atores que muitas vezes fazem o papel dos governos e prestam serviços, inclusive de assistência, aos migrantes.

O terceiro núcleo de sentido está relacionado à categoria *gênero* e como esta condiciona a vida e trajetória das mulheres migrantes e o atendimento a elas direcionado, o que inclui, portanto, as implicações de o IMA ser uma casa específica para acolher mulheres e à ideia de que a mulher deve receber um

atendimento que crie condições para que ela se sinta livre para decidir sobre seu projeto migratório, por exemplo.

A construção desses núcleos de sentido contribuiu para o desenho da fase de aprofundamento, na qual foi realizada a pesquisa de campo em Tijuana, durante os meses de janeiro e fevereiro de 2018, de modo que esta abarcasse duas instâncias: uma dentro do IMA e outra fora deste.

A primeira teve como foco as dinâmicas do atendimento sócio-pastoral realizado no IMA e a interação dos funcionários com as migrantes atendidas. Tendo em vista as próprias características da instituição, uma casa de acolhida temporária para mulheres migrantes e crianças, um dos desafios foi conseguir gerenciar a grande rotatividade de pessoas na casa e estabelecer relações de confiança com as migrantes para então conhecer melhor as suas histórias. Não raro às vezes, as migrantes apenas passavam uma noite no albergue e no outro dia seguinte partiam na tentativa de cruzar a fronteira. Foram escutadas 15 mulheres migrantes, que contribuíram de modo a permitir diferentes níveis de análise: observação, conversas espontâneas durante as tarefas cotidianas da casa e entrevistas formais orientadas pelos interesses do estudo. Todas as instâncias de interação permitiram o aprofundamento das observações e reflexões para a pesquisa.

Durante a pesquisa de campo, as mulheres que estavam no IMA configuravam predominantemente um perfil de mulher migrante-mãe, ou seja, das 15 com quem tivemos algum tipo de interação, apenas três relataram não ter filhos, e 5, das 12 que eram mães, estavam com pelo menos 1 de seus filhos junto delas no momento da pesquisa. As demais deixaram os filhos nos EUA ou em seus lugares de origem, geralmente aos cuidados de um parente. A idade destas mulheres migrantes variou entre 22 e 58 anos, com uma concentração mais elevada entre 26 e 35 anos. A tabela abaixo sintetiza o perfil das migrantes interlocutoras da pesquisa.

Perfil das migrantes interlocutoras da pesquisa

<b>Nome Fictício<sup>1</sup></b>	<b>Nacionalidade</b>	<b>Perfil</b>	<b>Filhos</b>
Angelita	Mexicana	Deportada	3 filhos/as de 12, 10 e 8 anos

<sup>1</sup> Todos os nomes das migrantes foram trocados por nomes fictícios.

Alma	Mexicana (Guadalajara)	Migrante	3 filhos/as de 8, 6 e 5 anos
Carla	Salvadoreña	Solicitante asilo	1 filha de 14 anos em El Salvador
Amparo	Mexicana	Deportada	4 filhoss/as De 10, 12, 14 y 18.
Elena	Mexicana (Oaxaca)	Deportada há mais de 06 meses	1 filha de 20 anos
Lisa	Mexicana	Deportada há mais de 06 meses	3 filhos. O menor, de 12 anos está com ela
Marcia	Mexicana (Michoacán)	Migrante	3 filhos nos EUA e 1 filha de 3 anos com ela
Nidia	Mexicana (Michoacán)	Deportada	3 filhos nos EUA
Fernanda	Hondureña	Migrante	2 (uma menina de 2 anos, 1 menino de 6 meses)
Maribel	Hondureña	Solicitante asilo	-
Norma	Salvadoreña	Deportada	-
Ramona	Mexicana (Toluca)	Deportada há mais de 06 meses	1 filha
Sonia	Salvadoreña	Solicitante asilo	1 filha de 6 anos
Vera	Haitiana	Migrante	-
Veronica	Guatemalteca/ Mexicana	Migrante	1 filha de 3 anos

Fonte: BOTEGA, Tuila; DUTRA, Delia; FERNANDES, Nathália; CUNHA, Igor B. Relatório de pesquisa *“Reconstruyendo la vida en la frontera. Asistencia y Atención a migrantes en la Frontera Norte de México”*. Brasília: CSEM, 2018.

Na segunda instância, que se deu fora do IMA, foram visitados outros albergues e entrevistados atores de diversas organizações que prestam atendimento aos migrantes em Tijuana e que de alguma forma dialogam com o IMA. Considerar a atuação de outras entidades que também desenvolvem trabalhos com migrantes em Tijuana nos possibilitou uma compreensão mais ampla sobre como a sociedade civil se organiza na cidade, bem como, de forma comparativa, nos deu elementos para compreender as especificidades do atendimento brindado no IMA.

### **O Instituto Madre Assunta: um lugar de espera e de decisão para o “refazer a vida”**

Nesta seção apresentaremos uma análise sobre o “refazer a vida” tanto do ponto de vista do atendimento brindado no IMA como a partir das narrativas das mulheres migrantes que por ali passam e encontram um lugar de apoio para suas decisões, que abarcam tanto o retornar para as cidades de origem como o permanecer em Tijuana para cruzar a fronteira ou para solicitar asilo

político nos Estados Unidos ou ainda no intuito de se integrar à cidade de forma mais definitiva.

Estima-se que 20 mil mulheres tenham passado pelo IMA desde sua fundação, em 1994. Para além da primeira assistência, oferece atendimento médico, orientação psicológica, assessoria jurídica, acesso a meios de comunicação para que as migrantes possam entrar em contato com suas famílias e intermedia o acesso à bolsas de trabalho que são oferecidas por órgãos públicos de Tijuana.

O público atendido compreende mulheres mexicanas ou centro americanas que pretendem cruzar a fronteira para os Estados Unidos ou que querem solicitar asilo político e aquelas mexicanas deportadas que foram encaminhadas pelo Módulo de Atendimento Migratório do governo mexicano existente na guarita *El Chaparral* e em outros espaços de circulação migratória.

As mulheres migrantes por tudo que passam em sua trajetória até chegar a Tijuana manifestam uma grande necessidade de sentirem-se protegidas. O fato de o IMA ser uma casa específica para mulheres ajuda muito nesse aspecto, além disso, a sensação de segurança é reforçada por ser uma casa vinculada a uma congregação religiosa, assemelhando-se a um “santuário”.

**Entrevistador-** *¿Porque mujeres y niños necesitan de una atención específica?*

**Pasante Trabaj. Social** – *Es... la Casa del Migrante que es para hombres; las migrantes que son solteras, madres que vienen, ellas necesitan un poco más de ayuda (...) en ese sentido de la cultura mexicana pues las mujeres son dependientes de sus maridos, o de los hombres entonces aquí creo que les damos ese poder de salir de eso y poder trabajar, poder apoyar a su familia.* (Entrevista com a estagiária Assistente social do IMA, Tijuana, 2018)

Ao chegarem ao IMA as migrantes se veem na situação de repensar suas vidas e projetos migratórios após a ocorrência de situações não planejadas, como a deportação ou as dificuldades nos trâmites para a solicitação de asilo político nos Estados Unidos, tendo em vista que muitas vezes as migrantes saem de seus países de origem enfrentando um extenso e perigoso percurso até chegar a Tijuana para cruzar a fronteira rumo aos Estados Unidos e quando finalmente chegam à cidade se dão conta de que não é simples cruzar a fronteira e que muitos são os entraves para conseguirem entrar com os pedidos de asilo político – recolher toda a

documentação exigida, ou, ainda, se deparam com a informação de que ficarão detidas e separadas de sua família e filhos durante o processo.

Conforme dito anteriormente, além da ajuda emergencial – comida e abrigo – as mulheres no IMA também recebem atendimento jurídico e informações que possam ajudá-las em seus processos de decisão sobre o que irão fazer após sair da casa.

Nesse sentido, o trabalho dos assistentes sociais, do psicólogo e do advogado é muito importante, porque eles dão as informações necessárias e as ajudam a pensar sobre suas opções. O advogado, por exemplo, explica a situação legal se deseja pedir asilo, como são os procedimentos para trazer os filhos que ficaram nos Estados Unidos, instrui sobre as consequências de passar sem documentos e as ajudam se precisam fazer certidão de nascimento no México ou outros documentos.

A decisão sobre cruzar ou não a fronteira é algo muito pessoal e por essa razão os funcionários dizem que não aconselham os migrantes sobre o que fazer, mas se concentram em dar todas as informações para que tenham condições de decidirem por si.

**Entrevistadora** - *Y si ellas dicen, voy a cruzar, ¿qué le contestas?*

**Pasante Trabaj. Social** - *Nosotros no podemos ni alentarlas ni desalentarlas. Es una decisión muy personal pero sí es mi obligación decirles cuál es la realidad en la frontera, qué van a encontrar. ¿Sí? Que la pueden extorsionar, que el coyote la puede pues dañar, violar, la puede secuestrar, ¿sí? Este... qué es lo que migración le puede hacer, cómo puede quedar detenida, cuánto tiempo la van a tener, si lleva hijos que va a pasar con los hijos... porque les separan. Los niños no pueden estar detenidos entonces si una mujer va detenida en migración el niño va a un shelter, y explicarla que si va deportada igual los niños van a salir, pero también hay una ley en EUA que es la ley superior del niño, que llaman ellos ley juvenil, por todos aquellos que entraron hace 2 años en EUA, y que los tenían, los tienen todavía en shelter y hay algún familiar que los pida, y lo traiga en esa ley y empieza todo el proceso de adopción...* (Entrevista com a estagiária Assistente social do IMA, Tijuana, 2018)

Mesmo munidas de informações sobre os perigos da travessia, dificilmente isso as faz mudar de ideia, especialmente quando têm filhos pequenos nos EUA, conforme relata a irmã diretora do IMA:

**Entrevistadora** - *Si quieren cruzar, ¿Ustedes les aconsejan no hacerlo?*

**Directora del IMA** - *Sí. Se les dice: “Quédate por aquí, pon tu negocio aquí, pero...” “Ah, allá tengo mi familia... aquí voy a estar sola”.*

**Entrevistadora** - *¿Y ellas le piden consejo, Madre? ¿Cómo ellas te ven, te consideran?*

**Directora del IMA** - Hay unas u otras que piden. Que empiezan a hablar, entonces... Unas y vienen dicen: "hay... no sé qué hacer, si voy para eso o si quedo a aquí". Y ¿por qué? Entonces ellas empiezan a decir, y entonces uno también porque sé, y les digo: "Está muy difícil ahora para cruzar, hay mucha vigilancia, pusieron mucha vigilancia. Entonces, para mí yo les digo que con todo ese dinero que van a gastar para cruzar, que pongan un negocio aquí, que se pongan a trabajar que aquí, que van a tener todo. "No, porque no quiero estar lejos de mi familia, y mi familia está esperándome", sobre todo cuando son los niños chiquitos, nada las detiene, quieren irse... (Entrevista com a Diretora do IMA, Tijuana, 2018)

Diante das possibilidades que se apresentam nesse ponto do percurso migratório e contando com o apoio do IMA, as mulheres encontram ali um lugar de apoio para suas decisões, especialmente após a deportação. Algumas optam por retornar às suas cidades de origem, outras por permanecer em Tijuana, seja para solicitar asilo político nos Estados Unidos, seja para tentar cruzar a fronteira quando tiverem oportunidade, ou, ainda, com o intuito de se integrar à cidade de forma mais definitiva.

Essas duas dimensões – do atendimento emergencial a mulheres em situação de vulnerabilidade e do processo decisório que elas precisam fazer enquanto estão no IMA – atribuem significado ao núcleo de sentido “refazer a vida. A seguir apresentaremos os sentidos do “refazer a vida” a partir das narrativas de algumas migrantes em suas passagens pelo IMA, no intuito de refletir sobre como elas constroem e adaptam seus projetos migratórios, exercendo sua *autonomia* e *agency* nesse contexto.

### *Retorno*

Conforme mencionado anteriormente, nesse processo de reconstrução do projeto migratório e de “refazer a vida”, algumas migrantes optam por regressar ao local de origem e encontram no IMA meios para se inserirem no programa de apoio ao retorno voluntário do governo de mexicano, que financia as passagens de volta para suas cidades.

Esse foi o caso de *Angelita*, uma mexicana de Oaxaca que foi para os Estados Unidos com 17 anos para ganhar a vida. Ela relata que atravessou o México, trabalhou em alguns lugares e contou com a ajuda das pessoas que foi conhecendo para conseguir atravessar a fronteira. A primeira vez que tentou ir para os Estados Unidos se entregou aos *border patrols*, pois se viu em perigo e acreditava que seria estuprada. Depois de uma nova tentativa, conseguiu

entrar no país e lá viveu por 19 anos, de forma indocumentada. Trabalhava no campo. Nos EUA fez sua vida e formou família – esposo e três filhos. Foi detida enquanto estava em uma consulta médica acompanhando a filha, sendo surpreendida pela presença dos policiais na saída do consultório. Segundo ela, isso aconteceu porque no passado teve um problema com a justiça e não pagou a multa. Após passar 15 dias na prisão foi levada para a imigração, onde passou 8 meses detida. Tentou de tudo para permanecer nos EUA, mas desistiu e optou por assinar uma saída voluntária, sendo, então, deportada ao México. Chegou ao IMA completamente em choque, pois relata que sofreu muito na prisão, principalmente pela separação dos filhos, que ficaram nos Estados Unidos com o marido. Para ela nunca foi uma opção ficar longe das crianças. Durante os quase 30 dias que ficou no IMA contou com a ajuda das irmãs e do advogado para trazer os filhos para Tijuana e fazer a documentação mexicana para eles, já que eram estadunidenses. Quando conseguiu trazê-los, contou também com atendimento médico para eles, pois chegaram bem doentes devido a uma virose e o stress da viagem. Após sua deportação, ela não tinha muito claro o que fazer se iria tentar cruzar novamente ou não. Relatou ter muito medo e que não queria passar novamente por tudo que sofreu durante o tempo que ficou presa. Disse que estava focada em cuidar de seus filhos e recuperar o tempo que perdeu com eles e que não pensava *por enquanto* em voltar aos EUA. Por fim, tomou a decisão de retornar para sua cidade de origem e ficar com sua família.

A decisão de ficar em Tijuana pode ser algo temporário, como vimos anteriormente, ressaltando a ideia de Tijuana como um lugar de oportunidades, claramente, devido sua proximidade com os Estados Unidos, que, em tese, permite outras possibilidades no repertório de quem decide permanecer na cidade. Por outro lado, parece ser, para outras migrantes, uma recusa de retornar para o local de origem com o “fracasso” da deportação, ou seja, depois de tantos anos vivendo nos Estados Unidos, essas migrantes não só perderam o laço com os locais de origem, mas também parecem não querer retornar na condição em que estão. Vejamos o caso de Ramona, uma mexicana de Toluca que foi deportada dos EUA devido uma ocorrência de trânsito, em 2008. Trabalhou e viveu no IMA por 07 anos. Após três tentativas mal sucedidas de cruzar a fronteira optou por não mais tentar, contrariando o marido que estava

nos EUA, pois tinha muito medo e considerava muito perigoso. Seus esforços foram no sentido de trazer a filha para Tijuana e para isso contou com a ajuda do IMA, a quem é muito grata. Durante esses sete anos que ficou na casa construiu uma relação quase familiar com as irmãs e funcionárias. Hoje não mora mais lá, mas vai quase todos os dias com sua filha e atua como voluntária, relata que sente a necessidade de voltar e ajudar aquelas que ali estão. Afirma que optou por não voltar para sua cidade de origem, pois não tinha mais laços lá.

### *Cruzar a fronteira*

Outras migrantes decidem cruzar a fronteira em direção aos Estados Unidos, como é o caso de Amparo. Ela é mexicana, de Guerrero, e decidiu sair de lá fugindo de violência. Tem 4 filhos, sendo que dois filhos ficaram na cidade de origem e os outros dois estão nos Estados Unidos. Em sua última deportação ficou no IMA por 4 meses para fazer a documentação mexicana dos filhos que tinham cidadania americana e, então, enviá-los para os EUA e depois tentaria cruzar. Feito isso, Amparo ficou em Tijuana esperando a sua chance de ir, guardando dinheiro e tentando conseguir os documentos. Durante esse período também trabalhou no IMA como ajudante de limpeza. Segundo a psicóloga do IMA, Amparo foi uma mulher com quem teve que desenvolver um acompanhamento mais específico para que ela conseguisse tomar uma decisão sobre sua vida. Ela queria muito estar com os filhos e se via dividida entre retornar e tentar cruzar para os Estados Unidos. Em sua análise, essa situação a colocou numa situação de quase imobilidade, levando vários meses para conseguir tomar uma decisão. Amparo anunciou sua partida do IMA de forma até inesperada pela equipe, planejou pegar um vôo até Tamaulipas para tentar cruzar a fronteira por lá, onde tinha um *coyote* conhecido da família para ajudá-la. Por se tratar de uma rota bastante perigosa, todos recomendaram para que ela tivesse muito cuidado. Apesar de ela ter tomado uma decisão que os funcionários do IMA tinham dissuadido e não concordavam, para a equipe foi importante o fato de ela ter saído da imobilidade e finalmente ter tomado uma decisão.

### *Asilo político*

Há também quem chega a Tijuana para solicitar asilo político, como é o caso de Maribel. De nacionalidade hondurenha, teve que fugir de seu país porque sofria perseguição política. Tem 22 anos e desde os 17 milita em uma aliança de oposição ao governo hondurenho. Relata que a situação piorou em seu país após as eleições em que o atual presidente permaneceu no posto ilegalmente, segundo ela. A partir disso, as ameaças a seu grupo ficaram mais frequentes e mataram um amigo próximo. Após esse episódio ela e mais um amigo que também sofria perseguições por ser homossexual decidiram fugir e pedir asilo político nos EUA. Passou pela Guatemala até chegar ao México, onde solicitou o visto humanitário. Durante o percurso até Tijuana, que levou cerca de três meses, ela passou por muitas coisas, trabalhou, se abrigou em diferentes lugares, recebeu propostas de carregar drogas, sofreu assédio e foi extorquida pela polícia migratória. Assim que chegou à cidade de Tijuana foi ao Comitê dos Direitos Humanos para abrir uma denúncia e ali foi encaminhada ao IMA. Quando chegou a Tijuana, seu amigo decidiu cruzar sozinho e ela se viu sozinha e desamparada, o que a deixou muito desesperada e chateada. Conta que para ela foi importante estar no IMA para parar e descansar, porque ficou muito abalada psicologicamente com toda essa situação. Além disso, contou com o auxílio da casa para recolher toda a documentação para montar o dossiê e assim dar entrada à solicitação de asilo político. Segundo o advogado do IMA, este era um dos poucos casos que realmente tinha chance de conseguir o status de asilo político nos EUA.

### *Ficar em Tijuana*

Há ainda aquelas migrantes que optaram por permanecer em Tijuana, umas de forma temporária, como uma nova etapa do projeto migratório, em que é necessário esperar e reunir os recursos necessários para posteriormente tentar cruzar a fronteira, e outras com perspectivas de se integrarem à cidade.

Verônica já tentou cruzar a fronteira duas vezes e ainda não conseguiu. Ela afirma que vai continuar tentando, pois seu objetivo é ter uma vida melhor e conseguir mandar dinheiro para a filha que ficou na Guatemala. Ela relata que está em Tijuana como uma pausa pra tentar juntar dinheiro e ir pra os EUA. Verônica não mora mais no IMA, mas atua como voluntária esporadicamente, e vai todos os dias para jantar, pois relata que o que ganha não é suficiente.

Já Vera, viveu 3 anos no Brasil, em Santa Catarina, e lá trabalhava em frigorífico. Tinha parentes nos EUA e decidiu com o marido tentar ir pra lá. Durante a trajetória, ficaram empacados na Bolívia ou Equador, foram roubados, tiveram diversos problemas no caminho e foram assaltados várias vezes na rota terrestre: Brasil – Bolívia – Equador – Guatemala – México. Ela ficou no IMA e seu marido na Casa do Migrante, albergue dos padres scalabrinianos para homens migrantes. Atualmente Vera trabalha como cozinheira no IMA, diz que ela e o marido decidiram ficar em Tijuana quando descobriram que os EUA não estavam dando o asilo, algo que soube também por parentes. Diz gostar de ficar no México e que vão ficar ali por enquanto.

Outra situação refere-se àquelas que mudam de ideia e alteram seus projetos migratórios quando chegam a Tijuana, com o intuito de solicitar asilo político nos EUA, e tomam conhecimento do processo necessário e que isso implica um período de detenção e separação familiar. Foi o que aconteceu com a salvadorenha Sônia. Como alternativa, o marido conseguiu trabalho em Tijuana e decidiram ficar por ali. Atualmente, Sônia é dona de casa e faz serviços voluntários no IMA para ter companhia.

Por fim, nesse âmbito das migrantes que decidiram ficar em Tijuana, destacamos a história de Elena, uma mexicana de Oaxaca, para quem o estar em Tijuana significa um final feliz para uma história de muitos sofrimentos. Elena foi para os EUA em 1989 e ficou lá por 20 anos. Durante esse tempo passou por nove deportações. Segundo ela, antigamente era mais fácil voltar para o México para visitar a família, e com o tempo isso foi ficando mais difícil. Sua última tentativa de cruzar a fronteira, em 2010, foi bastante traumática, pois, relata, já estava mais velha e tinha dificuldades de acompanhar o grupo, quando ficou presa num pântano e ninguém voltou para ajudá-la. Relata com indignação que os *border patrols* viram a situação por binóculos e deixaram a areia chegar até o pescoço para somente então resgatá-la. Essa experiência a assustou muito e a fez decidir não mais cruzar e ficar em Tijuana. Segundo ela, voltar para sua cidade não era uma opção, pois queria estar mais próxima da filha, que está nos EUA, e permanecer em Tijuana lhe permitiria vê-la com mais frequência. Teve duas passagens pelo IMA e conta que da última vez saiu muito rápido do albergue, pois para ela aquele era um ambiente difícil devido à atmosfera de tristeza diante das histórias das mulheres que ali passavam.

Conseguiu trabalho em Tijuana e logo depois abriu sua própria *tamalería*<sup>2</sup>. Mostra-se como empreendedora de sucesso e sempre que pode faz discursos motivacionais para as migrantes que estão no IMA para incentivá-las a ter força para sair dessa situação e seguir adiante. Esporadicamente Elena faz serviço voluntário no IMA, leva comida e brinquedos para as crianças. Diz que volta por gratidão e para retribuir o que fizeram por ela quando ela era beneficiária.

### **A fronteira como espaço de sujeição e subjetivação**

Embora não seja uma novidade na história da migração mexicana para os Estados Unidos, segundo Albicker e Velasco (2016), o contexto e as condições em que as deportações acontecem atualmente apontam mudanças. Primeiramente, nos últimos anos, a partir de 2001, são vividas por um grande número de pessoas que tiveram períodos mais longos de permanência nos Estados Unidos.

O papel das cidades de fronteira no processo de deportação é extremamente importante, não só por ser a entrada terrestre de milhares expulsos, mas porque é território liminar para estes novos deportados, que foram separadas de suas famílias e cujas principais raízes não são mais com o México e sim com os Estados Unidos. O estacionamento em uma cidade fronteiriça permite visitas mais constantes, alimentando o sonho de retornar aos Estados Unidos. Por essas razões, é compreensível que nem todos os expulsos retornem imediatamente ao seu local de origem, mas sim estacionem nas cidades fronteiriças para tentar um novo cruzamento ou manter a proximidade com as suas famílias (ALBICKER E VELASCO, 2016).

A vulnerabilidade dos migrantes em Tijuana é conformada por múltiplos fatores. O primeiro deles diz respeito a uma imagem deteriorada do migrante deportado, que ressalta o fracasso da jornada, ao invés da antiga imagem do herói que conseguiu alcançar o sonho americano. Além disso, há um estigma que associa a condição de deportado a práticas criminosas e ao consumo de drogas e, por outro lado, essencializa as pessoas em torno de atributos negativos, ampliando o alcance do discurso estadunidense de criminalização da migração irregular que é disseminado pelos meios de comunicação. Essa

---

<sup>2</sup> Tamal é um prato típico mexicano feito a base de uma pasta de milho cozida, assemelha-se à pamonha brasileira.

estrutura narrativa tem implicações não apenas no âmbito da discussão pública, mas torna o ambiente hostil à presença dos deportados, tendo em vista os discursos e as práticas discriminatórias de comerciantes e da sociedade local que afeta o processo de subjetivação dos próprios migrantes, que se veem como indesejáveis e “sem lugar” na cidade de Tijuana (ALBICKER E VELASCO, 2016).

A mobilidade também é marcada por tempos e momentos, maiores ou menores, de espera. Seja devido a razões técnicas, administrativas ou políticas, há territórios que acolhem essas populações em situação de espera (MUSSET, 2015). Olhar para esses espaços não apenas como cenário, mas como ator com interações sociais específicas nos permite questionar os momentos de incerteza que prevalecem em uma situação de transição entre um presente exaustivo, um futuro desejado e um passado reprimido ou idealizado. Longe de serem momentos sistematicamente perdidos ou de passividade, os tempos de espera podem ser considerados como matéria-prima para os atores sociais, embora predomine um sentimento de incerteza, desenvolverem suas capacidades e elaborar estratégias para enfrentar este tempo incerto (MUSSET, 2015).

Nesse sentido, compreendem espaços e temporalidades que permitem às pessoas em mobilidade exercerem sua *agency*, sendo esta compreendida como a capacidade que as pessoas têm de fazer escolhas independentes - de agir ou não agir diante de determinada situação específica, ou seja, refere-se ao grau de liberdade dos indivíduos face aos constrangimentos sociais, reforçando a ideia de que, ainda em um cenário de ações limitadas pelos condicionantes do contexto social, as pessoas têm sempre algum nível de liberdade de ação, uma margem de manobra (BAKEWELL, 1965). Em outras palavras, *agency* é um atributo que se refere à capacidade dos atores sociais de refletirem em suas posições, elaborar estratégias e agir para alcançar seus objetivos e desejos. Dentro dos limites da informação, da incerteza e de outras restrições (físicas, normativas ou político-econômicas) existentes, os atores sociais são “detentores de conhecimento” e “capazes” de agir diante de circunstâncias inesperadas.

Dutra (2009) recupera ideias de Tocqueville, que, impactado com a experiência da nova sociedade de imigrantes, no século XIX, quando de sua

visita aos EUA, propõe pensar a psique humana a partir da ideia de servidão e liberdade. Tocqueville vê o ser humano imerso constantemente entre uma predisposição ao desejo de governar desde fora ou a autogovernar-se fazendo uso de sua autonomia. Por esse motivo, Dutra (2009) propõe compreender que os e as migrantes podem estar condicionados em suas decisões de migrar por motivos de falta de trabalho, políticos, familiares, religiosos, ambientais. Entretanto, para a autora, há neles elementos de sua individualidade (self) que os estimula a tomar a decisão de sair ou de permanecer.

Pedreño (2017) faz uma importante revisão bibliográfica para definir o conceito de agência (capacidade de) ressaltando quatro aspectos. Primeiramente a dimensão criativa dos agentes sociais, ao retomar a reflexão de Edwar Said, que argumenta que ainda que a migração seja um processo configurado estruturalmente, existem dinâmicas condicionadas pela ação dos atores envolvidos, os migrantes e refugiados, que *criam* (grifos nossos) novos ambientes para se estabelecerem no novo local.

Em segundo lugar, retoma a natureza ambivalente do fenômeno migratório, em referência à teoria de Sandro Mezzadra, enfatizando a dimensão da subjetividade, sem deixar de considerar, por outro lado, as causas objetivas da migração e nem esquecer que a condição de migrante é profundamente caracterizada por circunstâncias de privação material e simbólica, por processos de dominação e exploração, além de dinâmicas específicas de exclusão e estigmatização.

Um terceiro aspecto diz respeito à visão crítica sobre a premissa de que os migrantes são agentes de transformação social, uma discussão bastante cara ao campo de estudos sobre migração e desenvolvimento. Por um lado, os migrantes são considerados atores com capacidade de gerar práticas e acontecimentos que propiciem mudanças, de maior ou menor escala, a partir das remessas, por exemplo, porém, muitas pesquisas acabam subjugando as limitações e constrangimentos que o próprio contexto (na condição de estrutura histórica de posições socialmente diferenciadas com possibilidades desiguais de acesso a recursos) condiciona (DELGADO; MARQUEZ, 2007, p. 22 apud PEDREÑO, 2017, p. 61).

Por fim, está a dimensão da *luta política*, a partir da perspectiva de Saskia Sassen sobre a *agency* que os trabalhadores migrantes colocam em

prática nas cidades globais em que chegam na busca de opções de trabalho e de vida. Destaca-se a questão da “presença” que os migrantes assumem em suas relações com o poder e com outras instâncias e a agência daqueles que, em condições de extrema vulnerabilidade, decidem ficar no local de migração, segundo uma agência de “resistência”, e não retornar ao seu país de origem. Esse “estar presente” possibilita uma nova forma de fazer política, vinculada à posição “global” de lutas por habitação e por serviços básicos, contra despejos, reivindicação por direitos dos “sem papéis”, etc.

Como um desdobramento do uso do conceito de *agency*, está a capacidade dos migrantes de formularem estratégias, o que supõe a existência de uma margem de ação frente às condições adversas em perspectiva aos planos iniciais da emigração (decisão, formas de saída e de trânsito) e as opções finais de imigração (status migratório, tempo de permanência, etc.), ainda que possam ir se modificando ao longo do processo, a partir das facilidades ou limitações em seu contexto.

Segundo Dias (2017), ao passo que os governos celebram um mundo de fluxos e alta circulação de informações, mercadorias e pessoas, mas, contraditoriamente, reforçam, de maneira crescente, suas fronteiras territoriais, os migrantes buscam reinventar formas de superar esse controle fronteiriço por meio de táticas de mobilidade, que envolvem pessoas com conhecimento sobre a geografia local e, logo, especializadas em rotas migratórias. Esse áspero diálogo não apenas define as linhas de tensão que marcam zonas de fronteiras, como também nos oferece a possibilidade de compreender migração como uma mobilidade tática capaz de superar a vigilância produzida em tais espaços. Em outras palavras, as táticas de mobilidade fronteiriça nos permitem ver como a mobilidade é praticada e experimentada por migrantes, na condição de indivíduos imbuídos de poder decisório.

Por fim, argumentamos que utilizar a *agency* como chave de leitura nos estudos sobre migração implica também em assumir uma perspectiva sob a qual se entende este fenômeno. Segundo Paulo Inglês, é possível assumir uma visão sobre o migrante ou refugiado como uma emergência ou catástrofe, o que significa, na prática, uma compreensão enquanto um problema social, econômico e político (às vezes, psicológico ou de saúde pública) que precisa ser controlado e solucionado; ou, por outro lado, pode-se compreender o

movimento migratório como uma forma criativa de indivíduos lidarem com situações adversas ou se adaptarem a mudanças súbitas em seu contexto. A primeira perspectiva insiste nos cenários de sofrimento ou vulnerabilidade em que os migrantes e refugiados se encontram, assumindo assim a condição de "vítimas" e de "passividade" diante dessas circunstâncias estruturais, por assim dizer. Já a segunda consiste uma alternativa que compreende que a migração é uma forma de indivíduos ou grupos reafirmarem a sua dignidade ou lidarem com situações políticas e econômicas adversas, isto é, percebe a migração como um recurso de que um indivíduo ou um grupo de pessoas dispõe para lidar com circunstâncias desfavoráveis, pressupondo, mesmo no pior dos cenários, espaço para uma decisão (INGLÊS, 2015).

De maneira simplificada, esta última perspectiva dá destaque para a capacidade de agência dos indivíduos diante dos cenários mais adversos, sublinhando o deslocamento como um recurso flexível que as pessoas acionam, ressaltando a criatividade e capacidade humana de adaptação ao usar a migração como uma forma de recriar o cotidiano, ainda que em outro local. Essa perspectiva traz implicações metodológicas e epistemológicas. Primeiramente, ao salientar a dimensão ativa, a capacidade de fazer escolhas apesar dos constrangimentos materiais e políticos, nos faz compreender o deslocamento para além da ideia de fracasso, violação, vulnerabilidade ou desintegração. Isso significa, nas palavras do autor, que “os refugiados, no fundo, são pessoas normais que vivem uma circunstância específica. Essa circunstância não lhes retira a dignidade nem os coloca numa situação de anomalia” (INGLÊS, 2015, p. 183). Além disso, sublinha a migração como fenômeno humano, no qual os seus protagonistas, os migrantes, não respondem apenas passivamente, mas também têm as suas visões e refletem sobre a migração, o que nos incentiva a valorizar em nossas análises o que eles pensam e o que fazem nesse processo social que é a migração.

### **Considerações finais**

A partir da imersão etnográfica no IMA, apesar das dificuldades em estabelecer relações de confiança com as migrantes ali atendidas – pelas condições de vulnerabilidade em que se encontravam e pelo curto período de

permanência na casa, foi possível adentrar no processo de vivência no IMA e acompanhar, através da observação, conversas informais e entrevistas, seus processos de decisão sobre seus projetos migratórios.

Estar numa instituição que as ajuda a fazer seus caminhos, onde têm acesso a informações qualificadas sobre os processos e as opções disponíveis sobre o que podem fazer, acaba sendo um ponto muito importante em suas trajetórias, isso porque, para muitas, foi a primeira vez em que fizeram uma interface com a institucionalidade, tendo em vista que muitas delas se baseiam apenas naquilo que circula em suas redes sociais.

Nesse sentido, foi possível refletir sobre como o atendimento no IMA interfere em alguma medida nesses processos de decisão e, especialmente, como as mulheres elaboram e reelaboram seus projetos migratórios e de vida a partir dali, exercendo sua *agency*. Refletir sobre a reconstrução de vidas nesse contexto, implica considerar a assistência emergencial e imediata como elemento fundamental para a recuperação física e psicológica de mulheres que passam por situações adversas para que estas possam decidir sobre como dar seguimento a seus projetos e trajetórias migratórias que foram de alguma forma interrompidas pela deportação ou pela fuga de situações de abusos, violências e/ou de um contexto de poucas perspectivas de melhoria de vida para si e suas famílias.

Importante ainda destacar que mesmo em contextos marcados por vulnerabilidades e abusos, falta de informação e um ambiente hostil aos migrantes, há espaço para o exercício de sua *agency* e de forma autônoma decidirem sobre suas vidas. O atendimento às migrantes, nesse sentido, deve oferecer informações e criar condições para potencializar esse processo.

Em suma, devemos analisar os deslocamentos e suas implicações tanto na ótica da opressão quanto na ótica da humanização (MARINUCCI, 2014), uma vez que as dimensões da vulnerabilidade e do protagonismo andam juntas e nos revelam a complexidade que as dinâmicas migratórias impõem, configurando um quadro dialético de sujeição e subjetivação (MEZZADRA, 2015). Isso significa que ainda que existam situações de exploração e de sofrimento para as mulheres migrantes, não se pode negar que o movimento migratório em si é também uma oportunidade de emancipação, autonomia, resiliência e realização de projetos e sonhos.

## Bibliografia

- ALBICKER, Sandra L.; VELASCO, Laura. **Deportación y estigma en la frontera México-Estados Unidos: atrapados en Tijuana.** *Norteamérica*, Año 11, número 1, enero-junio, 2016.
- BAKEWELL, Oliver. **Some reflections on structure and agency in migration theory.** *Journal of Ethnic and Migrations Studies*, 2010, p. 1689-1708.  
<https://doi.org/10.1080/1369183X.2010.489382>
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70; 1977.
- BOTEGA, Tuíla; DUTRA, Delia; FERNANDES, Nathália E. V.; CUNHA, Igor B. **Relatório de pesquisa “Reconstruyendo la vida en la frontera. Asistencia y Atención a migrantes en la Frontera Norte de México”.** Brasília: CSEM, 2018.
- BOTEGA, Tuíla; LUSSI, Carmem; MARINUCCI, Roberto; CUNHA, Igor B.; MOURA, Luíza; RUSSI, Pedro. **O protagonismo de migrantes e refugiados(as): Núcleo Duro dos Estudos e Pesquisas do CSEM.** Brasília: CSEM, 2018.
- DIAS, Gustavo. **Táticas de Mobilidade Fronteira.** Verbete. In: CAVALCANTI, L.; BOTEGA, T.; TONHATI, T.; ARAÚJO, D. (org.). *Dicionário crítico de migrações internacionais.* Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2017, p.665-670.
- DURAND, Jorge. **Tres premisas para entender y explicar la migración México-Estados Unidos.** *Relaciones* 83, 2000.
- DUTRA, Delia. **Migração Internacional e Trabalho Doméstico. Mulheres peruanas em Brasília.** São Paulo: OJM, CSEM, 2013.
- DUTRA, Delia. **O migrante, um sujeito que 'escapa' ao destino da maioria... Compreendendo a ideia de liberdade em Tocqueville.** In: XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, Rio de Janeiro. Sociologia: Consensos e Controvérsias, 2009.
- INGLÊS, Paulo. **Globalização, mobilidade humana e criatividade: desafiando categorias a partir de três casos de migração forçada em Angola.** In: VASCONCELOS, Ana Maria Nogales; BOTEGA, Tuíla (orgs.) *Política migratória e o paradoxo da globalização.* Porto Alegre: EDIPUCRS, Brasília: CSEM, 2015.
- MARINUCCI, Roberto. **Mulheres, migrantes e muçulmanas. Percursos de discriminação e empoderamento.** In: VASCONCELOS, Ana Maria Nogales; BOTEGA, Tuíla (orgs.) *Política migratória e o paradoxo da globalização.* Porto Alegre: EDIPUCRS, Brasília: CSEM, 2015.
- MEZZADRA, Sandro. **Derecho de fuga. Migraciones, ciudadanía y globalización.** Madrid: Traficantes de Suenos, 2005.
- \_\_\_\_\_. **“Multiplicação das fronteiras e das práticas de mobilidade”** in *REMHU*, vol. 23, n. 44, 2015, pp. 11-30.  
<http://www.scielo.br/pdf/remhu/v23n44/1980-8585-REMHU-23-44-011.pdf>
- MUSSET, Alain. **De los lugares de espera a los territorios de la espera. ¿Una nueva dimensión de la geografía social?** - *Documents d'Anàlisi Geogràfica*, 2015, vol. 61/2 305-324.
- PEDREÑO, Andrés C. **Agência (Capacidade de).** Verbete. In: CAVALCANTI, L.; BOTEGA, T.; TONHATI, T.; ARAÚJO, D. *Dicionário crítico de migrações internacionais.* 2017, p.58-63.

SØRENSEN, Ninna Nyberg. **Indústria das migrações**. Verbete. In: CAVALCANTI, L.; BOTEGA, T.; TONHATI, T.; ARAÚJO, D. (org.). *Dicionário crítico de migrações internacionais*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2017, p.404-409.